

**O MAL**  
E A JUSTIÇA DE  
**DEUS**

*Mundo injusto, Deus justo?*



N. T. WRIGHT

**O MAL**  
E A JUSTIÇA DE  
**DEUS**

*Mundo injusto, Deus justo?*

TRADUZIDO POR CLÁUDIA ZILLER FARIA



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

O MAL E A JUSTIÇA DE DEUS  
Categoria: Ética / Vida Cristã / Liderança

---

Copyright © Nicholas Thomas Wright, 2006  
Publicado originalmente por Society for Promoting Christian Knowledge,  
London, England.  
Título original em inglês: *Evil and the Justice of God*

*Primeira edição:* Março de 2009  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Tradução:* Cláudia Ziller Faria  
*Revisão:* Paula Mazzini Mendes  
*Diagramação:* B.J. Carvalho  
*Capa:* Caio Campana

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

W953m Wright, N.T., 1948-  
2009 O mal e a justiça de Deus / N.T. Wright ; tradução de  
Cláudia Ziller Faria. — Viçosa, MG : Ultimato, 2009.  
160p.; 21cm.  
Título original: Evil and the Justice of God  
ISBN 978-85-7779-018-0  
1. Bem e mal. I. Título.

CDD 22.ed. 236

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557  
www.ultimato.com.br



Em memória dos que morreram  
em Nova York e Washington em 11 de setembro de 2001,  
no Oceano Índico em dezembro de 2004,  
em Nova Orleans e no Golfo do México em agosto de 2005,  
no Paquistão e na Caxemira em outubro de 2005.





# SUMÁRIO

Prefácio	9
1. O mal ainda é o mesmo: <i>O novo problema do mal</i>	13
2. O que Deus pode fazer a respeito do mal? <i>Mundo injusto, Deus justo?</i>	39
3. O mal e o Deus crucificado	67
4. Imagine que o mal não exista: <i>Deus promete um mundo liberto</i>	91
5. Livra-nos do mal: <i>Perdoando a mim mesmo, perdoando os outros</i>	117
Notas	147
Índice de assuntos	149
Livros bíblicos discutidos	159



## PREFÁCIO

**D**epois de alguns anos me dedicando a escrever um livro sobre a ressurreição, decidi, no início de 2003, voltar a atenção para o significado da crucificação de Jesus. No entanto, assim que comecei a pensar em como abordaria o tema, percebi que primeiramente haveria outra coisa a fazer. Geralmente, quando os cristãos falam sobre a conquista de Jesus por meio de sua morte, se referem à cruz como uma resposta ao mal ou um resultado dele. Porém, o que é o mal?

Essa questão já havia sido apresentada a mim por uma razão bem diferente. Depois de 11 de setembro de 2001, quando terroristas jogaram aviões nas Torres Gêmeas, em Nova York, e no Pentágono, em Washington, o assunto “mal” ficou em evidência. George Bush declarou que existia um “eixo do mal” que precisava ser destruído. Tony Blair, o então primeiro-ministro britânico, anunciou que a tarefa do político era livrar o mundo do mal. Comentaristas tanto de esquerda quanto de direita expressaram suas dúvidas quanto à análise e à solução do problema — dúvidas que foram reforçadas pela guerra do Iraque e suas consequências.

Transformei minhas reflexões em cinco palestras, proferidas na Abadia de Westminster, onde trabalhava na ocasião, no primeiro semestre de 2003. Depois, adaptei-as para um programa de televisão produzido pela Blakeway Productions e transmitido pelo Canal 4 do Reino Unido, na Páscoa de 2005. O programa está disponível no site <[www.blakeway.co.uk](http://www.blakeway.co.uk)>. Sou grato ao produtor David Wilson, e ao próprio Denis Blakeway, por entenderem o que eu queria dizer e me ajudarem a me comunicar por meio de uma mídia que eu desconhecia. Os que assistiram ao programa e ficaram confusos com o que eu tentei dizer nos 49 minutos que me foram dados, talvez se sintam mais confortáveis com a versão completa apresentada neste livro.

Não tenho a pretensão de ter tratado o problema do mal nem, especialmente, o significado da crucificação de Jesus por completo, nem com a mesma ênfase. O capítulo central deste livro aborda a morte de Jesus sob um aspecto que considero profundamente amplo. Porém, para se analisar o significado e o efeito salvador da morte de Jesus de forma mais abrangente, seria necessário levantar e responder a questões que nem mesmo foram mencionadas aqui, além de abordar textos bíblicos e ideias teológicas e filosóficas que excederiam o espaço deste livro. No entanto, espero que este trabalho ao menos aponte a direção para outros estudos.

Na primeira palestra – agora capítulo 1 – usei com ilustração a imagem bíblica do mar revolto, indomável. Então, fiquei chocado quando vi um tsunami irromper do Oceano Índico e devastar populações e comunidades, no dia 26 de dezembro de 2004. Tempos depois, assim como o resto do mundo, tive uma sensação de *déjà vu* em agosto de 2005, quando o furacão Katrina deixou Nova Orleans e grande parte da costa do Golfo do México debaixo d'água. Ao pensar sobre as pessoas a quem dedicaria o livro, não poderia deixar de honrar a memória dos que morreram nesses dois desastres e, depois, no terremoto

que atingiu o Paquistão e a Caxemira, além das vítimas dos ataques de 11 de setembro de 2001. Eles nos lembram que não nos compete “solucionar” o “problema do mal” neste mundo, e que nossa missão principal não é responder a questões filosóficas complexas, mas sim manifestar os sinais do novo mundo de Deus, com base na morte de Jesus e no poder de seu Espírito, mesmo em meio a “esta presente era perversa”.

*N. T. Wright*  
*Auckland Castle*



## O MAL AINDA É O MESMO:

### *O novo problema do mal*

Muitas pessoas ficam decepcionadas quando descobrem que, segundo Apocalipse 21, não existirá mar no novo céu e na nova terra. Contemplar o mar, velejar e nadar são prazeres perenes, pelo menos para quem não precisa se sustentar negociando com seus hábitos traiçoeiros e suas crises de mau humor. Eu mesmo compartilho dessa surpresa e decepção, pois gosto de observar o mar e nadar de vez em quando. Porém, dentro de uma visão bíblica mais ampla, as coisas podem começar a fazer sentido.

O mar faz parte da criação original. Gênesis 1 fala do mar antes de citar a terra seca, que, assim como os animais, surgiu a partir dele. O mar faz parte do mundo que Deus, após seis dias, disse que era “muito bom”. Em Gênesis 6, no entanto, as águas do dilúvio ameaçam todo o mundo criado por Deus e apenas Noé e seu zoológico flutuante escapam, pela graça de Deus. Parece que as forças do caos, prontas para executar o julgamento divino, surgem da própria criação.

O mar só é citado novamente na Bíblia quando Moisés e os israelitas ficam diante dele, perseguidos pelos egípcios, sem saber o que fazer. Deus abre um caminho no meio do mar para resgatar seu povo e, mais uma vez, julgar o mundo pagão – a mesma história, apresentada de outro jeito. Mais tarde, quando os poetas de Israel olham para esse momento decisivo na formação do povo de Deus, celebram-no usando termos dos antigos mitos da criação dos cananeus: YHWH é soberano sobre o dilúvio (Sl 29.10). Se as enchentes levantam a voz, YHWH nas alturas é mais poderoso do que elas (Sl 93.3ss). As águas o viram, ficaram com medo e retrocederam (Sl 77.16; 114.3, 5; YHWH é o nome bíblico do Deus de Israel). Assim, quando o salmista descreve seu desespero por ter água até o pescoço, como no Salmo 69, ele reconhece que YHWH controla o mar bravio e faz com que ele o louve (69.1, 34).<sup>1</sup> Porém, mais tarde, em um texto que exerceu forte influência sobre o cristianismo primitivo, temos a visão de Daniel 7, em que os monstros que guerreiam contra os santos do Altíssimo saem do mar, que se torna sombrio, amedrontador e ameaçador, o lugar de onde o mal emerge e ameaça o povo de Deus, como uma onda gigante que se lança sobre os que vivem na costa. Para os israelitas na antiguidade, que não eram grandes marinheiros, o mar representava o mal e o caos, o poder tenebroso capaz de fazer com o povo de Deus o que o dilúvio fizera com todo o mundo, a não ser que Deus os resgatasse, como resgatara Noé.

Pode ser, inclusive (embora isso nos afaste um pouco do tema), que nosso amor pelo oceano seja motivado pelo mesmo sentimento que nos leva a assistir a um filme de terror: poder observar seu imenso poder e a energia incessante, mas de uma distância segura. Ou então, se velejamos, ou nadamos, podemos usar sua energia sem sermos engolidos por ela. Suspeito que existam inúmeros trabalhos acadêmicos

sobre os aspectos psicológicos envolvidos nessas atividades. Claro, o prazer se transformaria em pavor se estivéssemos observando as ondas e um tsunami viesse sobre nós, assim como a empolgação de assistir a um filme policial se transformaria em pânico caso os bandidos armados resolvessem sair da tela e ameaçar os espectadores. Ver o mar e um filme de uma distância segura pode ser uma forma de dizer a nós mesmos que o mal pode até existir, o caos pode até se instalar em algum lugar, mas, pelo menos nós, felizmente, estamos bem e não sofremos ameaça imediata. Talvez isso também signifique que, ainda que o mal exista dentro de nós, que existam forças malignas e caóticas bem no fundo de nosso ser, das quais temos apenas uma percepção subliminar, está tudo sob controle. No final, o dique vai segurar o mar e a polícia vai prender os bandidos.

Nos filmes das últimas duas décadas, no entanto, as coisas nem sempre acabam tão bem. Isso pode nos mostrar algo sobre como vemos o mal no mundo e em nós mesmos. Essa percepção, e a tentativa cristã de entender o mal, criticá-lo e solucioná-lo, é o assunto deste livro. Comecei com o intuito de escrever sobre o significado da crucificação de Jesus, já que havia escrito muito sobre a ressurreição. Pareceu-me que, assim, equilibraria as coisas. Porém, quanto mais pensava nisso, mais me dava conta de que, para falar de forma significativa sobre a cruz, seria necessário abordar o mal, problema que, na teologia clássica, a cruz deliberadamente suscitou.

Assim que pensei em falar sobre o mal, percebi que este é um tema atual e urgente, que todos têm discutido. Depois de 11 de setembro de 2001, o presidente Bush declarou que existe um “eixo do mal” em algum lugar e que precisamos encontrar as pessoas más para evitar que continuem a fazer o mal. Tony Blair, ambicioso, afirmou que nosso alvo deve ser livrar o mundo do mal. No dia em que fiz o esboço deste

capítulo, a pessoa sentada à minha frente no avião estava lendo um jornal que trazia uma manchete sobre o “rosto maligno” de dois membros do Exército Republicano Real da Irlanda. O público e a imprensa classificaram de “maligno” o terrível assassinato de duas garotas na cidade inglesa de Soham, em 2003. Dizemos o mesmo sobre o crescimento súbito de crimes à mão armada nas ruas de nossas cidades ou da violência que se seguiu à devastação de Nova Orleans pelo furacão Katrina em agosto de 2005.

O estranho sobre essa nova percepção do mal é que ela parece ter pego muita gente de surpresa, inclusive os políticos e a mídia. Evidentemente, todos dirão que o mal sempre existiu, mas parece que ele chegou ao mundo ocidental numa versão mais atualizada. Os debates antigos eram mais abstratos, dividindo o mal em natural (representado pelo tsunami) e moral (representado pelos bandidos). Auschwitz deu nova forma ao problema para a geração anterior, pelo menos para os que refletiram sobre isso. Assim também o atentado de 11 de setembro e os desastres “naturais” do tsunami no Oceano Índico e do furacão no Golfo do México iniciaram uma nova onda de debates sobre o mal. Queremos saber qual é a sua origem, como entendê-lo, como ele afeta nossa visão de mundo, sejamos cristão, ateus ou qualquer outra coisa, e se é possível fazer algo a respeito em relação a ele.

É nesse sentido que, do ponto de vista cristão, não haverá mais mar no novo céu e nova terra. Nosso compromisso, dentro da visão criada pelo evangelho de Jesus, é afirmar que um dia o mal será completamente vencido. Porém, questões como: por que o mal ainda existe, como Deus lidou e lida com ele, qual a relação entre o mal e a cruz de Cristo, como ele nos afeta aqui e agora e o que podemos fazer hoje para contribuir com a vitória final de Deus – são mistérios profundos e complexos, aos quais não estamos acostumados a dar muita atenção, quanto mais

apresentar respostas. Não sou um especialista quando o assunto é o mal. Há quem se dedique a essa complexa especialidade. Já aprendi com eles, e espero aprender mais no futuro. Apenas sigo a nobre tradição de continuar minha educação teológica em público. Em vários pontos, travo um diálogo implícito com obras recentes, apesar de não ter a pretensão de dominar o assunto.<sup>2</sup> O que apresentarei pode ser dividido em três partes, subdivididas em outras três.

Primeiro, tento apresentar o problema segundo a cultura contemporânea (capítulo 1) e compará-lo com afirmações clássicas sobre a justiça salvadora de Deus nas tradições judaica e cristã, com enfoque especial na cruz de Jesus Cristo (capítulos 2 e 3). Em seguida, proponho uma forma cristã e criativa de falar sobre o problema do mal e o que os cristãos devem fazer em relação a ele, estando submissos a Deus (capítulo 4). Neste ponto abordo três áreas de grande interesse na atualidade, nas quais haverá muitas dificuldades e perigos se o problema do mal não for revelado e tratado: as questões do império global, da justiça e punição criminal, e da guerra. No capítulo 5, prosigo nessa análise, abordando os significados coletivo e pessoal do perdão.

Neste capítulo inicial, descrevo as novas formas em que o mal se apresenta hoje. Em outras palavras, mostro como os políticos e a mídia tentaram viver como se o mal não fosse um problema tão grave e como, agora, estão sendo obrigados a assumir que ele ainda existe. Depois, mostro que as novas formas de abordar o problema do mal na pós-modernidade — que é exatamente uma reafirmação do problema — são deficientes em certos pontos importantes. Finalmente, proponho que, se quisermos ver com mais clareza o que se passa, precisaremos considerar certos aspectos que em geral são ignorados. Para concluir, mostro como essa questão se choca com o pensamento cristão.

## O novo problema do mal

Por que “novo”? As abordagens antigas do mal tendiam a colocar o problema como um enigma metafísico ou teológico. Se existe um deus, e se ele é (como alegam as teologias clássicas dos judeus, dos muçulmanos e dos cristãos) bom, sábio e todopoderoso, então por que existe o mal? Mesmo os ateus enfrentam o problema sob outro prisma: será este mundo uma piada de mau gosto, que contém algumas coisas que nos fazem pensar que é um lugar maravilhoso e outras que nos levam a pensar que é terrível? Também podemos tratar do problema do bem, e não do mal: se o mundo é um conjunto acidental de vários fenômenos, por que há tantas coisas para celebrarmos? Por que existe a beleza, o amor e o riso?

Em sua atual forma metafísica, o mal se faz presente há pelo menos dois séculos e meio. O terremoto que destruiu Lisboa no Dia de Todos os Santos, em 1755, despedaçou também o otimismo da geração anterior. O hino “The spacious firmament on high” (O imenso firmamento nas alturas), de Joseph Addison, afirma repetidamente que todos que olham o céu, o sol, a lua, as estrelas e os planetas não podem deixar de perceber que eles são a boa obra de um Criador bondoso:

Com todo direito todos se regozijam,  
E em voz gloriosa declaram,  
Para sempre cantando enquanto brilham:  
“É divina a mão que nos criou”.

Não sabemos se Addison teria escrito a mesma coisa depois de 1755 ou, se tivesse, se as pessoas estariam dispostas a cantar esse hino. Nós, que testemunhamos tantos desastres, naturais ou criados pelo ser humano, só continuamos a cantar porque tivemos que aprender uma teologia natural diante das evidências negativas ou porque não nos demos ao trabalho de pensar. No entanto, o que defendo é que, a partir de 1755,

como mostra Susan Neiman em seu recente livro, a história da filosofia europeia pode ser contada como sendo o esforço das pessoas para entender o mal. Lisboa deu início à distinção hoje generalizada entre o mal natural (tsunami, terremoto, furacão) e o moral (bandidos, terroristas), e isso se tornou um padrão. Os dilemas dos grandes pensadores do iluminismo, como Voltaire e Rousseau, e até os imensos esquemas de Kant e Hegel podem ser vistos como formas de lidar com o mal. E quando avançamos até Marx e Nietzsche, e os pensadores do século 20, inclusive os judeus, que após o Holocausto tiveram de enfrentar a questão do sentido, encontramos uma série de tentativas filosóficas de discorrer sobre o mundo como um todo e sobre o mal que existe nele.

Infelizmente, a linha de pensamento resultante disso, e que caracteriza o entendimento popular no ocidente, em especial na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, deixa muito a desejar. Refiro-me à doutrina do progresso, apresentada de forma imponente por Hegel e que encontramos no pensamento contemporâneo, mesmo que em formas mais brandas. Hegel mais ou menos sugeriu que o mundo está progredindo por causa do método dialético (primeiro (A), depois seu oposto (B), então uma síntese dos dois (C), e assim por diante). Tudo estaria se movendo rumo a um fim melhor, mais pleno, mais perfeito. Se houver sofrimento no percurso, não há problemas; eles são os ovos quebrados, necessários para se fazer uma deliciosa omelete.

A crença no progresso automático, que encontramos em poetas como Keats, estava em voga no panteísmo do movimento romântico e na filosofia de Malthus, que influenciou o surgimento e a perpetuação da crença ocidental de que a Europa e a América do Norte estavam no ápice do desenvolvimento humano; fato que justificou a expansão econômica imperialista que caracterizou o século 19. Essa ideia,

já bem estabelecida entre a cultura dominante, recebeu um grande impulso com a popularização da pesquisa de Charles Darwin e sua aplicação a campos muito mais diversos que o estudo dos pássaros e mamíferos de Galápagos. A intensa combinação entre os avanços tecnológicos, os progressos na medicina, o panteísmo romântico, o idealismo progressivo hegeliano e o darwinismo social gerou um clima de intelectualismo no qual, até hoje, muitos vivem e atuam, especialmente na vida pública. Assim, pelo fato de vivermos “nesta época” podemos ter certas expectativas; antevemos uma caminhada constante rumo à liberdade e à justiça, geralmente entendida como o triunfo paulatino, embora certo, da democracia liberal do ocidente e das formas mais flexíveis do socialismo. De forma generalizada, quando alguém afirma que determinadas coisas são inaceitáveis “agora que estamos no século 21”, está apelando para uma suposta doutrina de progresso e, mais ainda, um progresso em uma direção específica. Fomos ensinados, geralmente pelos discursos dos profissionais da mídia e dos políticos e não por argumentos explícitos, a nos curvar diante do progresso. Ele é inevitável. Ninguém quer ficar para trás, ser ultrapassado, viver como os antigos. A expressão “fora de moda” se tornou a crítica maior; o “progresso” (que muitas vezes não passa de uma variação da moda) tornou-se o único e mais importante indicador em nossa cultura e sociedade.

Essa concepção de progresso enfrentou pelo menos três desafios bem distintos e é incrível perceber que ela sobreviveu e continua a se desenvolver. Para muitos, a Primeira Guerra Mundial destruiu o antigo idealismo liberal. Em 1919, quando Karl Barth escreveu seu primeiro comentário sobre Romanos, sua mensagem principal era que estava na hora de ouvir a palavra de Deus vinda de fora, em vez de se apoiar no avanço constante do reino de Deus dentro do processo histórico.